



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RENATA ALINE PADILHA

A LITERATURA INFANTIL NO LIVRO DIDÁTICO

ERECHIM

2017

RENATA ALINE PADILHA

A LITERATURA INFANTIL NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

ERECHIM

2017

RENATA ALINE PADILHA

A LITERATURA INFANTIL NO LIVRO DIDÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

13 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro



Prof.ª Ms. Andréia Inês Hanel Cerezolli



Prof.ª Ms. Rosângela Hanel Dias

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Padilha, Renata Aline
A LITERATURA INFANTIL NO LIVRO DIDÁTICO/ Renata Aline
Padilha. -- 2017.
41 f.

Orientador: Roberto Carlos Ribeiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
PEDAGOGIA , Erechim, RS , 2017.

1. Leitura. 2. Escola. 3. Aprendizagem. I. Ribeiro,
Roberto Carlos, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

Dedico este trabalho a minha família, que sempre me apoiou para que este sonho se tornasse realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças, por iluminar o meu caminho e ter me proporcionado a oportunidade de chegar até aqui. Agradeço também por cada amanhecer, pela nova oportunidade de fazer algo de diferente todos os dias, de estar junto dos meus amigos e familiares, desfrutando da vida social junto a eles.

Ao professor Dr. Roberto Carlos Ribeiro que orientou este trabalho, e as escolas que disponibilizaram os livros didáticos para a concretização desta pesquisa.

“A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.”

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a abordagem da literatura infantil nos livros didáticos. Foram analisados três livros didáticos de língua portuguesa para o 4º ano do ensino fundamental, a fim de identificar como os textos literários estão sendo trabalhados e se contribuem na aquisição do hábito da leitura. Os livros didáticos são utilizados atualmente em escolas públicas municipais e estaduais que levam o título de *Ligados.com*, escrito por Angélica Prado e Cristina Hülle, *Mundo Amigo* obra coletiva organizada e produzida por Edições SM e, por último, o livro *Porta Aberta* escrita por Isabela Carpaneda e Angiolina Bragança. A questão de pesquisa deste trabalho se originou em face à curiosidade da leitora em saber como a literatura era proposta a partir do ponto de vista do autor do livro didático e as relações que ele construía com as perspectivas pedagógicas. Os livros analisados foram obtidos de professores de escolas locais. A escolha pelos livros didáticos do 4º ano se deu por ser nessa faixa etária que as crianças compreendem e entendem melhor a relação do texto literário. Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental utilizando autores que discutem o tema tratado, dentre eles Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich e Marisa Lajolo. De uma maneira especial, a literatura infantil tem tarefa fundamental, servir como agente de formação no convívio entre o livro e o leitor. Para que isso aconteça a escola deve ser a mediadora desse processo. É na palavra escrita que atribuímos uma maior responsabilidade na formação da consciência de mundo dos alunos, pois é através da leitura que conseguimos compreender o mundo ao nosso redor. A escola se torna um lugar fundamental, pois é ela quem lança as bases para a formação, estimulando o exercício da mente; a percepção do real e suas significações; a consciência em relação ao eu e ao outro e, principalmente, trabalha com o uso da língua. A partir das análises dos três livros de diferentes editoras e diferentes autores, chegou-se à conclusão de que esses livros não privilegiam a literatura enquanto arte. Eles trabalham com textos literários, porém, apenas como ferramenta da gramática.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escola. Aprendizagem.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:Tipologias Textuais.....	35
-----------------------------------	----

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	10
1 DA LITERATURA INFANTIL AO CONTEXTO ESCOLAR: ALGUNS PERCURSOS.....	12
1.1 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD)	13
1.1.1 As contribuições do professor de língua portuguesa no desenvolvimento da leitura.....	18
1.2 A LITERATURA NA SALA DE AULA	22
1.3 A POESIA.....	23
1.4 A PROSA.....	24
1.5 O TEATRO	26
2 A LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO	29
2.1 ESTRUTURA DOS LIVROS DIDÁTICOS.....	29
2.1.1 Livro I	29
2.1.2 Livro II	31
2.1.3 Livro III	33
2.2 ANÁLISES DOS LIVROS DIDÁTICOS	35
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Atualmente, no âmbito escolar, é dada ênfase à leitura, pois ela faz com que o aluno desperte para o aprendizado se tornando um cidadão crítico, consciente, e que se impõe diante da sociedade. De uma maneira especial, a literatura infantil tem tarefa fundamental: o de servir como agente de formação no convívio entre o livro e o leitor. Para que isso aconteça, a escola deve ser a mediadora desse processo.

É na palavra escrita que atribuímos uma maior responsabilidade na formação da consciência de mundo dos alunos, pois é através da leitura que conseguimos compreender e aprender sobre o mundo ao nosso redor. A escola se torna um lugar fundamental para que isso se concretize, pois é ela quem lança as principais bases para a formação, estimulando o exercício da mente; a percepção do real e suas significações; a consciência em relação ao eu e ao outro, e, principalmente, trabalha com o uso da língua.

A literatura infantil é uma linguagem que expressa uma determinada experiência humana, ela nos reproduz exatamente as histórias passadas, facilitando assim conhecer os principais valores e ideais de nossa sociedade, sendo possível ampliar, transformar ou enriquecer experiências de vida. Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial de: “atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]” (COELHO, 2000, p.29).

A literatura infantil é a base enriquecedora de conhecimento e informações que contribui no processo de aprendizagem das crianças. Por conta disso, este projeto tem por objetivo investigar como a literatura infantil está sendo abordada nos livros didáticos do 4º ano do ensino fundamental, que são utilizados atualmente em escolas públicas municipais e estaduais.

Os três principais livros abordados nesse projeto levam o título de: *Ligados.com* escrito por Angélica Prado e Cristina Hülle; *Mundo Amigo* obra coletiva organizada e produzida por Edições SM e, por último, o livro *Porta Aberta* escrito por Isabela Carpaneda e Angiolina Bragança, como contribuição no processo de leitura, já que é responsável pelo desenvolvimento da sensibilidade, imaginação e da

reflexão dos assuntos existentes no mundo, ou seja, é através dela que o aluno desenvolve a autonomia necessária para o exercício da cidadania, sendo que no 4º ano a leitura já está fluente e é amparada pelo livro didático.

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores de comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2002, p 106).

A escolha pelos livros didáticos usados pelo 4º ano se deu a partir do pressuposto, de que nessa faixa etária as crianças compreendem e entendem melhor a relação do texto literário. Por isso, buscou-se analisar como a literatura é apresentada para esse leitor iniciante no mundo da interpretação literária. Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental utilizando autores que discutem em relação ao tema tratado, dentre eles, os principais: Nelly Novaes Coelho, Fanny Abramovich e Marisa Lajolo.

A pesquisa está subdividida em capítulos, que se apresenta da seguinte maneira: O primeiro tratará do “*O surgimento da literatura infantil*, que descreve sobre sua constituição no Brasil, logo após a pesquisa apresenta “*O programa nacional do livro didático (PNLD)*”, como iniciou o processo de criação e implantação do livro didático nas escolas públicas, em seguida aborda “*As contribuições do professor de língua portuguesa no desenvolvimento da leitura*”, onde traz os principais apontamentos e respaldos dos autores, que discutem a importância dos trabalhos desenvolvidos pelos professores e as instituições de ensino, para que os alunos possam desenvolver o hábito e o gosto pela leitura. Após, “*A literatura na sala de aula*” apresenta os principais gêneros literários que devem ser trabalhados em sala de aula. Por fim, são feitas as análises dos livros didáticos mencionados anteriormente, a fim de, identificar os textos literários e se sua contribuição é eficiente para a formação de leitores.

O primeiro capítulo se inicia apresentando alguns dos percursos da literatura juntamente com os processos pedagógicos e metodológicos que a educação propõe.

1 DA LITERATURA INFANTIL AO CONTEXTO ESCOLAR: ALGUNS PERCURSOS

Diante do surgimento da “infância” começou-se a escrever para crianças, os primeiros livros produzidos para elas foi ao final do século XVII até os dias atuais. Essa mudança se deu em meio a Idade Moderna, pois, houve a emergência de uma nova noção de família, onde o núcleo unicelular prevaleceu e não mais centrada nas amplas relações de parentesco, as famílias começaram manter sua privacidade e o afeto começou a ser estimulado entre os seus membros.

Anteriormente, não existia uma separação entre as faixas etárias, a criança não era vista como alguém que teria o seu próprio mundo e seu tempo. O adulto e a criança eram igualados e compartilhavam dos mesmos eventos. Ao passar dos anos e com a valorização da infância e da criança, gerou maior aproximação e união familiar, juntamente a literatura e a escola foram às principais responsáveis pela formação emocional e intelectual da criança, tanto que os primeiros textos foram escritos por professores com grande intuito educativo. Regina Zilberman (2003, p.16) descreve os prejuízos que isso até hoje traz para a literatura infantil:

E, até hoje, a literatura infantil permanece como uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença do objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança.

O Brasil acabou sendo influenciado pela onda de valores ideológicos, contidos na literatura infantil utilizando os textos infantis como propagador de preceitos e de normas comportamentais. São quatro fases percebidas neste processo:

A primeira fase iniciou no final do século XIX e início do século XX, onde a preocupação era com a modernização do país, sendo que a escola seria a principal responsável, para fazer com que os objetivos fossem alcançados e incentivar os valores patrióticos para as crianças, assim, como instalar a cultura nacional. As obras literárias começaram então a serem traduzidas e adaptadas para o público infantil, no entanto, enfrentou vários problemas devido às expressões e o afastamento das vivências dos brasileiros em relação aos europeus.

A segunda fase se constituiu nos anos de 1920 e 1945, foi a época que aconteceu muitos conflitos principalmente pela educação, onde o grande índice de analfabetismo caracterizava o Brasil como um país atrasado. Para reverter a situação, criou-se a Escola Nova que propunha um ensino intelectual e pragmático. O autor Monteiro Lobato foi inovador na literatura infantil, através das suas obras com linguagem brasileira, isso fez com que surgissem novas publicações para o público infanto-juvenil.

A terceira fase, na década de 1950 e 1960 foi marcada pela democracia, onde a reforma Capanema estava vigente, até que em 1961, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Com o golpe de 1964 a literatura infantil passou a ter um caráter mais conservador.

A última fase ocorreu nos anos de 1970 e 1980, onde aumentou o número de autores e obras, as histórias ficaram mais próximas da realidade e do cotidiano dos brasileiros. O folclore oral recuperou-se e era representado pela abordagem das modinhas infantis, canções de ninar e cantigas de roda. (BECKER, 2001, p.35-41).

A literatura infantil, com o passar do tempo, ampliou o seu espaço de ação dentro da sociedade, produzindo um número de literaturas e melhorias da questão dos conteúdos e metodologias, buscando relacionar à educação formal que também se ampliou e abriu um novo leque na pedagogia nacional por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

1.1 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD)

Em meados dos anos 1990 ocorreu uma série de reformas educacionais, que objetivavam a sensibilização dos educadores quanto uma reformulação nos conteúdos e metodologias de ensino. Para isso, criaram-se inúmeros programas, projetos e distribuição de materiais escolares, porém este objetivo não foi alcançado para todos os estudantes, pois, precisava-se de apoio do governo brasileiro e principalmente financiamentos para subsidia - los. Nessa mesma década, foi criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que objetivava assegurar a qualidade dos livros didáticos.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é executado pelo Governo Nacional, promovido pelo Ministério da Educação (MEC) e gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), órgão vinculado ao MEC

responsável pela captação de recursos financeiros, objetivando promover uma educação de qualidade selecionando, comprando e distribuindo para escolas da rede federal, estadual e municipal de ensino, nível fundamental e médio nas modalidades normal e educação de jovens e adultos (EJA).

Embora tivesse outros formatos e denominações, o programa existe desde 1929, e com o passar dos anos foi se reformulando e ocorreram algumas modificações. Os livros hoje são distribuídos gratuitamente para as escolas públicas, para todas as disciplinas que constam no currículo dos estudantes. Batista (2001, p. 23) assinala que “[...] o PNLD, tal como hoje se caracteriza, é o resultado de diferentes e sucessivas propostas e ações para definir as relações do Estado com o livro didático brasileiro”.

Durante o segundo semestre de 1999, o MEC organizou um grupo de pessoas, afim de, avaliar e sugerir reformulações do programa, este grupo foi dirigido pela Secretaria Estadual de Educação (SEE) e coordenado pelos técnicos do Fundo Nacional De Desenvolvimento na Educação (FNDE), também teve a participação dos coordenadores da avaliação de livros didáticos (das áreas de Alfabetização, Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia e Ciências), sendo todos professores de universidades brasileiras. Participaram também duas instituições o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) - organização não-governamental voltada para a pesquisa e a ação educacionais - e o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), órgão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) voltado para a pesquisa, a documentação e a ação educacionais no campo da alfabetização e do letramento. (BATISTA 2001. p. 9).

Com os dados obtidos no programa e das discussões, foi elaborado um documento para subsidiar, reformular e discutir os elementos para o aprimoramento das políticas públicas para o livro didático. Esse documento sofreu alterações e acréscimos. Foi enviado, para discussão por professores universitários, técnicos e dirigentes das secretarias estaduais e municipais de educação e, por fim, apresentado no ano 2000 no seminário novamente para discussão e avaliação de cada um dos grupos.

A partir de 1995, o MEC passou a desenvolver e executar um conjunto de medidas para avaliar sistematicamente o livro didático brasileiro.

De acordo com os critérios então estabelecidos, só poderiam ser analisados aqueles livros não-consumíveis (exceto os dirigidos à 1ª série), com qualidades editoriais e gráficas, que não se destinassem, ao mesmo tempo, a mais de uma disciplina ou série do ensino fundamental e que não exigissem a compra de outros volumes ou satélites, como cartazes, cadernos de atividades ou de jogos, etc. Embora parte significativa dos critérios para essa avaliação decorresse das especificidades das áreas de conhecimento a que os livros didáticos se destinam, definiram-se, como critérios comuns de análise, a adequação didática e pedagógica, a qualidade editorial e gráfica, a pertinência do manual do professor para uma correta utilização do livro didático e para a atualização do docente. (BATISTA, 2001. p. 13).

O PNLD visa produzir livros com qualidade e de forma que o educador possa mudar o contexto escolar, não apenas trazendo conteúdos específicos e teóricos, que o aluno não reproduza o que já está pronto e descrito na realidade do livro, mas sim, instigar os mesmos a produzir textos e projetos com temas cotidianos e que estão inseridos no contexto da sociedade em que o aluno está inserido.

As Instituições de Ensino que desejam aderir ao livro didático devem se manifestar mediante a adesão formal, respeitando os prazos e obrigações estabelecidos pelo MEC, o mesmo acontece para as instituições que não desejam mais trabalhar com os livros, devem pedir a suspensão. Para que o livro seja impresso, o site do MEC dispõe um edital para que as editoras possam se candidatar e ter seus direitos autorais sob os livros que serão disponibilizados para as escolas.

As escolas contam com a ajuda do Guia Nacional do Livro Didático, para realizar a escolha do livro didático, que mais se enquadra com as necessidades das mesmas. São resenhas dos livros que passaram pela triagem do Instituto de Pesquisas do Estado de São Paulo e, depois de encaminhado para Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC).

Tais resenhas são disponibilizadas pelo site e enviados impressos para as escolas cadastradas, o pedido da escola também é feito pela internet, e a partir de então o MEC começam as negociações com as editoras que terão os direitos autorais para produzir os livros, no qual a produção passará por um processo de análise de qualidade física e verificação da concordância com as especificações da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), normas do ISO e dos manuais de procedimentos de ensaio pré-elaborados. Com os livros prontos o MEC entra em contato com a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) que leva - os até as escolas.

Os livros didáticos são confeccionados com material resistente, pois, são utilizados por três anos consecutivos, cada aluno tem direito a um exemplar dos seguintes componentes: língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e língua estrangeira (inglês ou espanhol, do 6º ao 9º ano). Os livros de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia são reutilizáveis, ou seja, devem ser devolvidos ao final do ano, para serem utilizados por outros alunos. A exceção são os livros consumíveis, que são os de alfabetização matemática e de alfabetização linguística (1º e 2º anos) e os de língua estrangeira.

O PNLD desenvolveu um projeto ao longo dos anos, afim de, aprimorar e facilitar para as Instituições de Ensino, conseqüentemente para os alunos, promovendo um material escolar de qualidade e ao mesmo tempo dentro do contexto educacional brasileiro e de acordo com cada escola, porém, ainda com as mudanças há uma necessidade de uma reformulação no PNLD, pois, também houve mudanças nas Leis de Diretrizes e Bases (LDB), no qual se exigem novas propostas para desenvolver trabalhos nas escolas.

Segundo Batista (2001, p.14):

A necessidade de reformulação do PNLD apoia-se, fundamentalmente, na busca de superação dos limites pedagógicos próprios de um processo de transição entre diferentes paradigmas educacionais. As atuais exigências sociais impõem a revisão de paradigmas. Essas novas exigências encontram-se representadas, em especial, na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e nas novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental emanadas do Conselho Nacional de Educação (CNE). Também os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), propostos pelo MEC, embora sem o caráter de obrigatoriedade que marca o atendimento à LDB e às Diretrizes do CNE, contemplam essas novas demandas, constituindo-se em referências que, sendo de âmbito nacional, pressupõem adequações às realidades locais.

O livro didático deve estar associado às práticas escolares e dentro do contexto social de cada escola. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental ou nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), indicam revisões importantes que vêm se dando na legislação e nas práticas escolares e que precisam, portanto, estar refletidas na configuração dos livros didáticos. (BATISTA, 2001, p. 26-27).

No entanto, cabe ao professor se apropriar de práticas de aprendizagens que fazem parte do contexto social do aluno, a partir dos conhecimentos e experiências obtidos por ele. No sentido, de não lhes apresentar experiências e conhecimentos

prontos, mas sim possibilitar situações de aprendizagem e práticas no qual o aluno deve interagir e estabelecer pontos significativos aos que lhe forem propostos.

O maior desafio para os professores é ensinar os alunos a ler e escrever, isso reflete muito nos índices de analfabetismo no Brasil, sendo que os obstáculos são encontrados do 1º ao 5º ano, onde inicia a fase de alfabetização passando para a ineficiência da linguagem quando o aluno chega ao 5º ano.

Sabe-se que os índices brasileiros de repetência nas séries iniciais - inaceitáveis mesmo em países muito mais pobres - estão diretamente ligados à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever. Essa dificuldade expressa-se com clareza nos dois gargalos em que se concentra a maior parte da repetência: no fim da primeira série (ou mesmo das duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, por dificuldade em alfabetizar; no segundo, por não conseguir garantir o uso eficaz da linguagem, condição para que os alunos possam continuar a progredir até, pelo menos, o fim da oitava série (BRASIL, 1997, p. 19).

O fracasso escolar está presente na vida do estudante, até mesmo quando ele chega à universidade, pois, acaba encontrando dificuldades na compreensão de textos, desse modo, as evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa, com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita. (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) foram construídos com a participação de pesquisadores de universidades e secretarias de educação. A pretensão do MEC, ao publicá-los, era de que eles chegassem às mãos de todos os professores e níveis de ensino, apesar de que obtêm maior êxito no Ensino Fundamental, pois, constatou-se que ele é mais utilizado nesse nível, aonde ele vem realizando seus propósitos desde seu lançamento.

Entretanto, os PCNs vêm auxiliando o professor a buscar subsídios para a sua prática docente, afim de, provocar mudanças e reflexões quantitativas que conseqüentemente se reflete em sala de aula.

Considerando que o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa gira em torno de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino o PCN destaca:

O primeiro elemento dessa tríade, o aluno, é o sujeito da ação de aprender, aquele que age sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a Língua Portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola, a língua que se fala em instâncias públicas e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente. E o terceiro elemento da tríade, o ensino, é, neste enfoque teórico, concebido como a prática

educacional que organiza a mediação entre sujeito e objeto do conhecimento. Para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno. (BRASIL, 1997, p. 25)

Portanto, o professor deve se basear nestas vertentes, para não apenas expor um conteúdo vazio e programático para seus alunos, mas sim, uma maneira na qual consiga fazer com que eles realmente aprendam a interpretar, escreverem e falarem corretamente.

O professor e a literatura também são parte de uma tríade, completada pelo aluno, de uma realidade necessária: a de que o aluno e o processo de leitura estejam em permanente diálogo. É o professor um dos primeiros incentivadores na construção do futuro leitor. A próxima seção apresentará essa relação.

1.1.1 As contribuições do professor de língua portuguesa no desenvolvimento da leitura

Um bom livro é aquele que agrada o leitor, fazendo com que ele seja lido novamente e muitas vezes retornando aos trechos que lhe deram mais prazer pela narrativa. Na literatura para crianças não é diferente, pois esses livros certamente ficarão marcados na memória das crianças.

O processo da leitura está totalmente ligado à educação escolar, pois se sabe que a crianças por, muitas vezes, só tem acesso aos livros na escola, de maneira que a literatura infantil colabora nesse processo de aprendizagem.

Como propõe Barros (2013, p. 11):

Sabe-se que as crianças têm forte ligação com os livros de literatura infantil, pois esses divertem, estimulam a imaginação, desenvolvem o raciocínio e permitem uma melhor compreensão do mundo. Para que as crianças tenham acesso a essa infinidade de conhecimentos faz-se necessário que dominem o processo da leitura, processo este que está intimamente ligado à educação escolar.

Para Coelho (2000), a escola é hoje o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. Nesse sentido, a escola tem o papel de despertar o gosto e o interesse pela leitura em seus alunos, de maneira simples e facilitadora.

De acordo com Barros (2013, p.103 apud Paiva; Rodrigues, 2009):

São múltiplos os fatores que contribuem para que a literatura infantil se faça cada vez mais presente em nossas escolas: o crescente desenvolvimento editorial da produção voltada para esse segmento; a qualidade das obras produzidas por escritores e escritoras brasileiros (reconhecida mundialmente); as políticas públicas preocupadas com a formação do leitor; a divulgação de títulos e autores brasileiros por organismos públicos e privados; as recomendações explícitas dos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais – para o desenvolvimento de práticas de leitura em todos os níveis de ensino; o empenho de inúmeros educadores em levar a leitura literária para as suas práticas docentes e principalmente o fato de a instituição escolar cumprir a função de democratizar o livro, num país de poucas bibliotecas e de praticamente inexistente compra de livros em livrarias por esse segmento da população que frequenta a escola pública.

As escolas levam consigo a responsabilidade de apresentar a literatura para seus alunos, pois a grande maioria das crianças tem contato com os livros, a leitura e com a literatura quando chegam à fase escolar, e para que isso ocorra é importante que os professores, os profissionais da educação e até mesmo os espaços físicos estejam preparados para inserir a cultura da leitura nas crianças, para que seja algo natural e prazeroso.

Kleibis (2008, apud SILVA, 2008, p. 34) acredita que práticas escolares contribuem para aprendizagem do aluno leitor.

Sabemos que certas práticas escolares de leitura mais afastam que aproximam os leitores dos livros, e que outras são capazes de proporcionar experiências de aproximação tão fortes que nos surpreendem. Às vezes, olhamos as primeiras como males necessários, e as segundas com desconfiança, mas o fato é que ambas constituem (pela ojeriza ou pelo encantamento) possibilidades de construção das relações entre leitores e livros na escola.

Nesse sentido, parte do professor trabalhar com métodos pedagógicos que propiciem ao aluno o interesse pela leitura, principalmente aquele que ensina a língua portuguesa, considerando que é a disciplina responsável pelo desempenho da fala e da escrita, para isso faz-se necessária uma formação com práticas e conteúdos essenciais na contribuição no processo de aprendizagem do aluno.

Para Marisa Lajolo (2002), o professor de português deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, antropológicos e políticos. Ele deve ser usuário competente da modalidade culta da língua portuguesa. O professor de língua portuguesa ou professor da língua materna

deve estar sempre preocupado com a formação integral e total do aluno como cidadão, ou seja, formar para a vida e para o trabalho esforçando-se para buscar novos meios de ensino para conseguir amparar as diversidades dentro de uma sala de aula.

Sendo assim:

O professor deve ser capaz de criar formas diversificadas e experiências para tentar alcançar o estilo cognitivo do aprendiz, lançando mão de novas formas de ensinar ou de alternativas metodológicas. Identificar o estilo de aprendizagem facilita o contato, a empatia e o relacionamento inter e intrapessoal, transformando o momento educacional em um processo aberto e em constante renovação no que diz respeito ao ato educativo. (CUNHA, 2010, p. 22).

Os professores de língua portuguesa, além de ensinarem seus alunos a lerem, também estão diante de uma perspectiva desafiadora, a de reverter o quadro de reprovação escolar, fazendo com que o aluno mantenha o foco dentro da sala de aula e com a finalidade de aprender.

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que deve orientar toda a vida. (CETEB, 2008e).

A princípio, leitura é um dos melhores métodos a ser desenvolvido pelos professores, pois, é ela responsável pela criação, imaginação, sendo que a fala e a escrita se tornam mais fluentes quando o aluno é um aluno leitor assíduo. No âmbito escolar, o aluno que se empodera de diferentes gêneros textuais consegue desenvolver uma escrita excelente se não minuciosa sem erros e textos coerentes, de maneira que seu aprendizado é facilitado.

Segundo Paulo Freire (1988, p.80):

Quando pensamos em leitura, logo nos vem à mente a ideia de atividade mecânica de decodificação de signos. No entanto, ler é mais que isso, é atribuir um significado ao texto, seja ele verbal ou não verbal, o qual é entendido como processo e não como produto, já que é construído na interação com os demais sujeitos do grupo. Além do mais, a leitura é uma forma de percepção posto que ela não se reduz ao texto, mas também a realidade, ao mundo que nos rodeia, que foi, inclusive, objeto.

A escola é a base influenciadora da leitura, no entanto é importante que ela desenvolva situações em que essas leituras tenham significados importantes para o leitor, e assim abrir caminhos para os diferentes mundos possíveis onde todos possam percorrê-los. Lerner (2002, p.75) afirma que “Ela precisa ensinar a pensar, a desenvolver a criatividade, a imaginação e a criticidade dos alunos de maneira a entusiasamá-los na busca do conhecimento”.

Para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem e auxiliar o professor na tarefa de alfabetizar e apresentar conteúdos, o livro didático foi um método implantado e com um importante papel nas práticas pedagógicas no sistema educacional brasileiro.

Nas décadas de 1970 e 1980, com a desvalorização do ensino público e com a falta de incentivo à qualificação profissional do professor, o livro didático se tornou um instrumento de ensino indispensável. O livro didático, instrumento de grande valor educacional, está presente no contexto histórico do Brasil desde o período colonial (RIBEIRO, 2003).

Nesse período, começaram a surgir questionamentos sobre como eram abordados os conteúdos e produzidos os livros, porém deu-se pouca credibilidade e importância para o assunto, o que ocasionou a banalização dos conhecimentos científicos.

A leitura, de maneira geral está sendo tratada como um fenômeno cognitivo, que foca nas competências e habilidades do processo, já quando se trata de literatura ela aparece também como um fato histórico-cultural cuja preocupação está no resgate cultural atribuído aos autores, fazendo com que o ato de ler seja um exercício coletivo.

Egon de Oliveira Rangel (2007, p.129) afirma que:

Quando a leitura é entendida como uma forma de conhecimento, as idiosincrasias dos sujeitos e as particularidades de cada situação de leitura reduzem-se a um pressuposto, que só será possível de encarar depois de suficientemente descritas as competências e habilidades que caracterizam o sujeito leitor, assim como suas estratégias mais gerais ou básicas.

O livro didático de língua portuguesa se tornou um instrumento de letramento, como exemplifica Rangel (2007) é um letramento rarefeito, pois a maioria da população brasileira tem como único acesso à leitura, o livro didático, que, por meio de suas atividades de estudo do texto se tornou um instrumento de aprendizagem

da leitura. Isso faz com que o leitor encontre muitas dificuldades, pois o livro didático apresenta falhas ao apresentar textos literários, e seus objetivos são mal definidos com difícil compreensão para a criança, isso acaba prejudicando o processo de ensino da leitura caso o professor utilize apenas o livro didático como instrumento em suas aulas. A literatura deve ser mais do que aquilo expresso nas páginas do livro didático, ela deveria “contaminar” a sala de aula.

1.2 A LITERATURA NA SALA DE AULA

As histórias literárias contadas para crianças têm grande contribuição para o seu desenvolvimento, pois é através delas que a criança consegue expressar suas emoções. Esses textos têm a capacidade de fazer com que ela possa interagir com as personagens e assim instigar a criatividade e a curiosidade.

Para Fanny Abramovich (1994, p. 17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as houve- com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com olhos do imaginário!.

No entanto, a leitura é algo que a criança deve ter como algo prazeroso, que lhe cause emoções, prazeres e descobertas, este deve ser o objetivo no qual devem ser levados para dentro de uma sala de aula, mas para que isso ocorra o papel da escola como influenciadora e norteadora deste encantamento é fundamental, de forma a ampliar horizontes como visitas as bibliotecas e livrarias, isso proporcionará ao aluno conhecer outros espaços e gêneros literários, onde cada aluno possa optar pelo que gostaria de ler, sem pressão ou mesmo com prazo para que a leitura seja feita. Isso fará com que a criança veja o livro como algo que ao obtê-lo para si se sinta independente para fazer suas opções, e isso conseqüentemente acarretará em uma leitura mais dinâmica e livre, não apenas por obrigação.

Ao ler histórias a criança desenvolve um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar, “[...] pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião (ABRAMOVICH, 1994, p. 143), por isso é importante para o professor discutir com a

criança sobre o livro se ela gostou ou não, se concorda com a opinião exposta na história, observar se ela se envolveu ou detestou a leitura, se o interesse foi tanto que quer ler mais vezes ou que nunca mais irá ler aquela obra, gênero ou autor, ou seja, é fazer com que a criança comece a formar sua própria opinião, formular seus critérios, também conhecer outros autores e gêneros.

Explorar o livro lido com as crianças é importante, por isso o professor não deve ter a leitura como um objeto para sua avaliação, sendo que isso fará com que o aluno não a veja como algo que seja bom para si e seu desenvolvimento. O professor deve questionar desde a exploração da capa, se têm algo que chamou sua atenção para a escolha, o seu título, o ritmo da história se foi curta, ou se arrastou muito para chegar ao final, a personagem como era, qual foi sua importância para a conclusão da história, estes são apenas alguns pontos que podem ser indagados, perguntados e observados em uma história para que a criança possa dar a sua opinião.

Tratar de literatura abre um leque amplo para a discussão. As possibilidades do texto literário são praticamente infinitas. Por isso, baseando-se na análise de alguns autores conhecidos na área da literatura infantil, propõe-se, aqui, que a base para a análise dos livros didáticos, que será feita mais à frente, esteja ancorada nos três gêneros originários da literatura: a poesia, a prosa e o drama.

1.3 A POESIA

Um dos gêneros literários apresentados para as crianças em idade escolar é a poesia. Este, no entanto, acaba sofrendo com os preconceitos editoriais, pois muito pouco se edita e quando os faz é sem critérios. Outro fator que acaba por dificultar a poesia na sala de aula é que os grandes poetas brasileiros não têm versões infantis de suas obras, e poetas iniciantes não sabem compor de modo sensível para que a criança se identifique com a sua escrita.

Para muitos, a poesia infantil é tratada como moralizadora, pois as palavras devem ensinar à criança os costumes, a organização do seu dia a dia, e até mesmo para descrever seus hábitos de higiene, exaltar o dia das mães, do índio e assim, deste modo, a entediando. Outra forma em que ela é vista e escrita é que, como sendo para crianças é algo que deve ser pequenininho, com palavras escritas no

diminutivo, como se a criança, por ser criança tudo tem que ser cheio de mimos como se ela estivesse em um berçário.

Para Abramovich (1994, p. 67) a poesia e a prosas infantis devem ser escritas de maneira que a criança as entenda e goste.

A poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser, antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa...

Por outro lado, há poetas que em suas escritas fazem uso de uma ludicidade verbal na qual a criança adora ler e ouvir, de maneira sonora, musical e até engraçada, trabalhando com significados diferentes que a mesma palavra possui.

A poesia é algo maravilhoso de ser trabalhada em sala de aula, ela se apresenta de várias formas, usando de recursos poéticos como rimas e ritmos nos quais tornam as leituras gostosas de ler e ouvir, e até mesmo soam como músicas para o ouvido das crianças.

Desta forma, para despertar o prazer com a poesia nas crianças, primeiramente, deve-se ler o poema com emoção, e assim passar para o ouvinte, trocar as experiências vividas e tratadas no poema, adotar um caderno para poesias para que sejam anotados os poemas, observar os ritmos e lê-los em voz alta, também escrever os próprios é uma ótima forma para que a criança possa expressar o que está sentindo.

1.4 A PROSA

Para Coelho (2000, p.70) “Ao contrário do que pode parecer, não é a história que dá valor intrínseco à narrativa ou à poesia, como autêntica obra literária, mas sim a maneira e o modo pela qual sua matéria é construída”. No geral as histórias, surgem a partir de uma situação problemática na vida dos personagens, que ao desenrolar a narrativa, no final ela volta ao normal.

A história é o que resulta da sua estruturação, a efabulação é os fatos encadeados da narrativa e é dela que depende o ritmo e o desenvolvimento da história; do gênero narrativo, no qual se apresenta em três formas o conto, a novela

ou romance, dos personagens, e, por fim, a linguagem adotada. Esses são as principais formas de apresentação de uma história e são exemplificados a seguir.

O conto é o registro de um acontecimento na vida da personagem, ou seja, é uma passagem da vida que tem como intenção apresentar uma parte do todo, com uma narrativa simples e de fácil compreensão. Ele é apresentado com um motivo central, um conflito, uma situação e/ou acontecimento, no qual se desenvolve através das situações problemas breves, em torno do motivo principal. Coelho (2000, p, 71) “[...] tudo no conto é *condensado*: a efabulação se desenvolve em torno de uma única ação ou situação; a caracterização das personagens e do espaço é breve; a duração temporal é curta ”.

Já a novela, tem uma visão de mundo mais complexa, é composta por uma narrativa longa, e outras menores e independentes, e há um elemento coordenador que é o herói ou a heroína, nas quais vivem e assistem as mais diversas aventuras, não há um conflito central para que seja resolvido. Um exemplo de novela nas histórias clássicas da literatura infantil é *Alice no País das Maravilhas*.

O romance tem uma visão de um universo organizado, que está em torno de valores coesos e de um pensamento ordenador. Coelho (2000, p. 73) elucida que “[...] a época de ouro do romance começa com a consolidação da sociedade romântica, fundada no pensamento burguês, cristão, liberal, cartesiano, etc”.

Sua trama se desenvolve em torno de um eixo central, onde tudo o que acontece está ligado a uma situação nuclear, sua narrativa está em torno de um problema-eixo que exige do leitor concentração e atenção.

Coelho (2000, p.74) descreve quais elementos fazem parte de cada narrativa:

O verdadeiro conto exige concisão, pois se trata de fixar um fragmento de vida. O romance exige extensão, pois registra um todo; busca a integração das inúmeras partes em seu contexto global. Na trama romanesca, em geral, interessa muito mais o que as personagens são do que eles fazem. Mas novelas, geralmente, predomina o acontecimento, interessa mais o que as personagens fazem do que os seus problemas interiores ou que elas são.

Outro recurso da literatura, que pode ser incrementado para crianças, são os livros com imagens chamados livro imagem, os quais apresentam histórias contadas por meio da imagem sem escrita, porém esse recurso didático ainda é muito pouco utilizado em sala de aula pelos professores. Maria Alice Faria (2010, p.58) cita como deve ser o formato das histórias em imagens:

[...] no livro de imagem a história se constrói de imagem em imagem. A narrativa é fragmentada, pois entre cada quadro há um espaço (em branco, às vezes limitado por molduras, uma nova página etc.); por isso o autor deve ser muito claro e preciso nos elos de encadeamento de modo que cada quadro tenha traços bem visíveis de sua ligação com o quadro anterior e elementos que “puxam” a narrativa para o quadro seguinte, até o desenlace [...]. A técnica da simultaneidade e os indícios gerais indicando a passagem do tempo e as mudanças no espaço são extremamente importantes, destacando-se o gestual das personagens e tudo o que indica a ação e o movimento, para que a história seja bem compreendida.

O livro de histórias compostos apenas com imagens, exigem mais dos professores e até mesmo dos alunos, pois, é necessária maior atenção e imaginação para compreendê-lo e contá-lo, no entanto é essencial para instigar a criatividade e a atenção da criança.

A escola, na maioria das vezes, é o espaço onde o aluno tem seu primeiro contato com os livros e, conseqüentemente, com a literatura, o entanto seu papel é fazer a ligação entre o livro e o aluno para que possa formar pessoas conscientes e formadores de opiniões, começando assim pela mudança de pensamento dela própria e do professor incentivador e norteador do conhecimento.

Para Coelho (2000 p, 18):

O professor precisa estar “sintonizado” com as transformações do momento presente e reorganizar seu próprio conhecimento ou consciência de mundo, orientado em três direções principais: da literatura (como leitor atento), da realidade social que o cerca (como cidadão consciente da “geléia real” dominante e de suas possíveis causas) e da docência (como profissional competente).

1.5 O TEATRO

O teatro, desde muito tempo atrás é uma fonte de cultura e aprendizado tanto para quem o interpreta, quanto para o espectador. Porém, infelizmente, ele ainda é muito pouco adotado pelas escolas, como não consta como uma modalidade o educador que pretende adotá-lo em suas aulas, por muitas vezes, o faz em horários extraordinários, ou até mesmo no horário do seu descanso, pois, tem consciência que é um conteúdo que traz muitos benefícios para seu aluno, além de motivá-lo para novas aprendizagens.

Maria Antonieta Antunes Cunha (1998, p. 136), aponta alguns benefícios que o teatro pode proporcionar para as crianças quando trabalhado. “É ótima ocasião de socialização: o aluno se desinibe e, orientado pelo professor, aprende a trabalhar, a criticar e receber críticas pertinentes, a valorizar e estimular o trabalho alheio, porque no teatro, o que conta é conjunto homogêneo, nivelado”.

As peças infantis devem ser consideradas e analisadas da mesma maneira que as peças de adultos, pois, as características são iguais, dentre elas: a estrutura da peça que é composta por três partes, a exposição dos fatos e acontecimentos para o público para que possam ter o conhecimento antecipadamente e assim compreenderem a história; o conflito de interesses entre as personagens; e por fim o desenlace dos conflitos aos quais são resolvidos de maneira boa ou ruim, fatos esses que marcam os tipos de peça, se é drama, comédia, tragédia etc.

Outro aspecto importante ao se analisar em uma peça de teatro é a articulação dos atos, onde as cenas estão divididas em quadros e cenas, Cunha (1998, p.138), apresenta características dos atos:

Deve constituir um todo significativo, possuir um eixo de interesse, apresentar uma etapa precisa da resposta ao problema geral da peça. Por outro lado, não pode valer por si só: tem de deixar uma porta aberta ao ato seguinte, estabelecer uma dificuldade que mantenha aceso o interesse do público pelo desenrolar da peça.

Cenas principais e caracterização dos personagens são outros aspectos, onde o primeiro retrata as cenas, ou um conjunto delas, nos quais representam os momentos importantes da intriga, são chamados de cenas principais, já o segundo fica em torno de dois tipos de caracterização, direta, quando o caráter da personagem surge através da outra personagem. E a indireta quando é o público que molda o perfil da personagem através de suas ações.

Esses gêneros são comuns encontrados nos livros de histórias infantis, são narrativas que fazem com que o leitor se prenda a história e por conta disso os autores trabalham em suas escritas em torno de prosa, poesia e teatro.

Essa literatura é originária de quase todas as grandes narrativas da atualidade, como quase tudo na vida, pode ser um caminho para a exploração de várias possibilidades. O que se espera da escola e do professor é o caminho do “prazer do texto”. Como esse professor, na maioria das vezes, utiliza o livro didático

como suporte de suas aulas, é importante analisar como a literatura é apresentada por esses livros.

2 A LITERATURA NO LIVRO DIDÁTICO

Os livros didáticos analisados estão estruturados da seguinte maneira: Livro I *Ligados.com*, Livro II *Mundo Amigo* e por último o Livro III *Porta Aberta*, foi feita uma descrição de cada um para que o leitor possa ter uma noção do conteúdo contido neles.

2.1 ESTRUTURA DOS LIVROS DIDÁTICOS

2.1.1 Livro I

O primeiro livro analisado foi editado pela editora Saraiva e escrito por Angélica Prado e Cristina Hülle, intitulado de *Ligados. Com Língua Portuguesa*, destinado ao 4º ano do ensino fundamental anos iniciais, sua edição foi no ano de 2014, para ser utilizado nos anos de 2016, 2017 e 2018.

O livro está dividido em 8 unidades e apresenta por dois capítulos compostos por seções que exploram os conceitos e conteúdos a partir de cada texto apresentado. O primeiro texto literário está no capítulo 1 da unidade 2, um conto com o título *Cavalos do Mar*, em seguida são feitas questões relacionadas ao personagem principal da história, sobre o cenário em que ela acontece, e características das personagens, na seção “Palavra puxa palavra” contém exercícios para o uso dos artigos definido e indefinidos, utilizando frases e palavras contidas no texto. Com a “Sopa de letrinhas” traz exercícios para o uso correto das letras m e n, e para terminar o estudo do texto, “Estudando as classes gramaticais” as autoras apresentam um trecho do conto para trabalhar com palavras que nomeiam as ações do personagem, pessoas, objetos, lugares, e características das pessoas e lugares.

No capítulo 2 da mesma unidade o livro apresenta um conto com o título *A bordo de um navio* e subtítulo *Ao Mar* em seguindo as seções, “mergulhando na história” faz perguntas de múltipla escolha e para responder sobre quem é o narrador, e quais os fatos que aconteceram na narrativa, em algumas questões é citado trechos do conto para ajudar nas respostas. No item “Palavra puxa palavra” apresenta fragmentos do texto para trabalhar com palavras paroxítonas, oxítonas, proparoxítonas, em algumas questões pede-se para reler o texto e copiar as

palavras contidas nele. A “sopa de letrinhas” é a parte em que se trabalha com o significado das palavras e o modo adequado para utilizá-las, assim como classes das palavras, substantivos e adjetivos. Na parte da “gente que faz” pede-se uma análise do texto, trabalha com palavras que dão características das personagens, e palavras que descrevem os cenários da narrativa, para trabalhar tempos verbais (presente, pretérito e futuro) em seguida apresenta uma atividade para ser feita em duplas e construir uma narrativa a partir da situação apresentada pelo livro. No “raio X da escrita” pede-se uma análise do texto, e questões para rever a escrita da história feita pelas duplas, na seção rede de ideias traz o poema “Amyr Klink, o navegante” e trabalha algumas questões sobre a personagem.

Na unidade 3 do livro didático as autoras levaram a proposta de trabalhar com a poesia em seus dois capítulos sendo o primeiro o poema Alice no país da poesia fazendo referência ao poema Alice no país das Maravilhas, neste capítulo há uma seção diferenciada, chamada de “Outros poemas e rimas” para auxiliar o aluno a identificar e numerar versos e rimas contidas nas poesias. O segundo capítulo apresenta o poema A velhinha, sendo que nos dois capítulos são oferecidas todas as seções com ênfase na gramática, e este em específico conta com a seção “Gente que Faz”, que inicia com uma pequena explicação sobre a organização de um poema, seguido por uma atividade para que o aluno escreva o seu próprio poema utilizando-se dos temas apresentados.

Na unidade 6, capítulo 1 são apresentados dois contos A serpente de Ouro e A árvore que dava dinheiro, após a apresentação dos textos faz-se perguntas relacionada a narrativa, em seguida as seções para compreender e explorar os conceitos de gramática. Neste capítulo as autoras apresentam as seções: Uso do dicionário, palavra puxa palavra e sopa de letrinhas, onde os primeiros são significados de palavras contidas no texto, a segunda trabalha os sinais de pontuação e por último a seção de separação das sílabas. O capítulo 2 inicia com o conto O Bicho-folha, além das seções comuns e contidas nas unidades anteriores este capítulo conta com a seção “Gente que faz! , Raio X da escrita e Conversa vai, conversa vem..”, onde a primeira apresenta as características dos contos populares, uma questão oral e pede para escolher uma das personagens da história lida para ser o narrador da sua própria história onde deverá ser escrita a partir de trechos sugeridos pelo livro, a segunda seção é para rever a escrita e possíveis

reformulações após trocar os textos com o colega para trocar sugestões e opiniões, e por último instrui para encenar o conto A serpente de ouro.

Na última unidade o livro apresenta o mito Prometeu na seção “Mito e ficção” que trabalha com questões sobre os acontecimentos contidos no mito e sobre os elementos da natureza, na seção “Tem mais mito por aqui” o livro pede a leitura do mito *Minotauro é um monstro que vive em um labirinto*, seguido por questões orais e para responder em seu caderno sobre a narrativa.

2.1.2 Livro II

O próximo livro a ser analisado leva o título *Mundo Amigo* de língua portuguesa, destinado ao 4º ano do ensino fundamental anos iniciais, a obra é a 3ª edição que foi desenvolvida coletivamente e produzida pelas edições SM no ano de 2014 para que sua utilização seja nos anos de 2016, 2017 e 2018.

Este livro está dividido em 8 capítulos, sendo que cada consta duas leituras, ou seja, a leitura 1 e leitura 2, para cada abertura de capítulo há um texto ilustrado seguido por questões que devem ser respondidas oralmente com intuito de trocas de conhecimento, em cada texto as palavras que podem causar dúvidas na compreensão há um destaque para seu significado. Nas seções de leitura estão presentes os textos que serão trabalhados com mais profundidade, antes de cada texto o livro apresenta uma pequena introdução que leva a pensar sobre ele e uma preparação para leitura.

A primeira unidade intitulada A Magia dos Contos, a abertura do capítulo inicia com o conto maravilhoso Sherazade, a contadora de histórias seguido por algumas questões sobre os acontecimentos do conto, na seção “Leitura 1” apresenta o conto Aladim e a lâmpada maravilhosa as páginas contém algumas ilustrações e no fim do texto há um grifo que a história do Aladim foi retirada do livro *As mil e uma noites*. Na seção “Estudo do texto” são feitas perguntas sobre a narrativa, pede a releitura de trechos do texto para que possam ser respondidas. Na seção “Estudo da Língua” são questões que trabalham substantivo, adjetivo, artigo e verbo utilizando frases e palavras descritas na narrativa. Após inicia-se a “Leitura 2” apresenta o conto Os doze sapatos das princesas dançarinas, também contém ilustrações, destaque para palavras de difícil compreensão, e no final do texto um destaque sobre a autora. Inicia a seção “Estudo do texto” além das questões referentes ao conto, há quadros

em destaque com as características de um conto, a seção Estudo da escrita trabalha com a repetição de palavras e na seção “Produção de texto” pede-se para escrever um conto maravilhoso e dá alguns passos de planejamento para escrita, além de personagens e objetos que devem ser incluídos na história.

O capítulo 2 do livro trabalha com lendas e leva o título O homem explica seu mundo, logo na “Leitura 1” apresenta a lenda As diferenças na unidade sagrada da vida, nas seções estudo do texto e estudo da língua trabalha com questões relacionada à história e substantivo simples e compostos. “Na Leitura 2” A criação da noite” também o livro trabalha as seções estudo do texto e estudo da língua, além da seção Produção de texto que propõem a criação de uma lenda, seguindo um roteiro de escrita, após a escrita apresenta a proposta para que seja formado um livro coletivo com os contos maravilhosos e lendas que foram escritos no capítulo 1 e 2, na seção “Contação de histórias” pede para formarem grupos e cada um do grupo leia a sua história, após cada grupo escolherá uma das histórias para se encenada para a turma.

No capítulo 3 As histórias de cada um, na apresentação do capítulo traz o poema “como eu cresci” para iniciar o estudo de crônicas e biografias, na seção “Leitura 1” apresenta uma crônica Santos Dumont, no final dá um destaque para quem foi o Santos Dumont, também trabalha com as seções estudo do texto e estudo da língua, e segue para a “Leitura 2”, uma autobiografia intitulada de O grupo, neste capítulo tem a seção estudo da escrita para trabalhar a divisão silábica do encontro vocálico, utilizando palavras contidas no texto, e a seção Produção do texto pede para que o aluno escreva uma biografia de alguém da escola ou da família.

O capítulo 4 “Registrando fatos e emoções” começa apresentando um trecho do livro O diário de Lelê, para que após seja trabalhado com histórias onde os personagens registram os fatos vivenciados em seu dia-a-dia, na “Leitura 1” inicia com o texto 15 de setembro: O dia em que eu fiquei com quatro olhos , logo após 16 de setembro: O dia em que eu comi cocô de bebê! segue as seções estudo texto e estudo da língua e inicia a “Leitura 2” A longa travessia Diário de bordo de um menino de 12 anos, ao cruzar o oceano pacífico, esta história está subdividida em dias dos acontecimentos da família brasileira que deu a volta ao mundo a bordo de um veleiro, trabalha com as seções dos capítulos anteriores para trabalhar gramática.

No capítulo 5 na página de abertura, apresenta uma poesia Penélope. Já o sexto capítulo intitulado Entre perguntas e respostas na página de apresentação apresenta a crônica Gravação do livro de Carlos Drummond de Andrade após algumas questões sobre o texto apresentado.

2.1.3 Livro III

O livro *Porta Aberta* de Língua portuguesa destinado ao 4º ano do ensino fundamental foi desenvolvido pelas autoras Isabella Carpaneda e Angiolina Bragança, no ano de 2014 para ser utilizado nos anos de 2016, 2017 e 2018, foi a 1ª edição da editora FTD, é composto por 9 unidades e subdivido em seções para aprofundar os estudos das leituras. Para cada leitura apresentada o livro destaca para a biografia do autor do texto.

Na unidade 2, na seção leitura 2 – hora da história, apresenta um trecho do livro *O pequeno Nicolau*, o conto “O código secreto”, em seguida um destaque para a biografia do autor do livro.

Na unidade 3 intitulada “Histórias de artes e manhas” em sua página de apresentação do capítulo conta com uma ilustração e algumas perguntas sobre a representação da imagem, há uma pequena explicação sobre o que vai ser estudado na unidade. Na seção “leitura 1” inicia – se com duas questões orais para iniciar uma discussão sobre o conto popular de artimanha Sopa de Pedra, seguindo então para a seção estudo do texto, após a seção “um pouco mais sobre os contos de artimanha” são questões que iniciam com uma explicação sobre o que é um conto de artimanha, seguido por uma pergunta sobre o conto apresentado, na seção “na ponta da língua” o livro apresenta uma proposta de atividade em grupos, onde deverão reler o conto novamente e discutir, na seção “só para lembrar” cita alguns trechos do conto seguido de questões, na seção “oficina (1ª parte)” propõem a produção de um livro, onde os alunos deverão pesquisar parlendas, adivinhas, trava línguas e em seguida criar um conto de artimanha, na seção estudo da língua trabalha com substantivos encontrados no texto.

Na seção “leitura 2” da mesma unidade, inicia com uma pequena explicação sobre o animal que será a personagem principal da história seguido pelo conto Mangas e Bananas, esta leitura conta com a seção “Comparando textos”, onde apresenta um poema Era uma vez uma velhinha que é uma adaptação de um conto

popular espanhol, no qual é feito questões a fim de comparar o poema com o conto. Na “seção Oficina (2ª parte)” pede uma versão final para o conto que começou na “oficina 1ª parte” e a sua socialização para a turma.

Na unidade 4 a seção “Hora da história” apresenta o conto A lanterna, ao final do texto o livro dá uma sugestão de um livro de contos, como está unidade serve para ensinar a escrever cartas, o conto tem relação com a escrita de cartas, porém se limita apenas nesta seção de leitura literária.

A unidade 5 “Moral da história” vai trabalhar com fábulas e suas características, na página de apresentação há uma ilustração e perguntas para que possa ser introduzido o conteúdo. A seção “Leitura 1” inicia com algumas questões que pode ser respondidas oralmente antes de iniciar a leitura da fábula A cigarra e as formigas. Nesta leitura, há uma subseção “fique sabendo” onde apresenta algumas informações sobre Esopo, seguido pela seção “comparando textos” que traz outra versão da fábula criada por Monteiro Lobato e questões para que os dois textos sejam comparados. Após a seção “além do texto” apresenta uma ilustração no intuito de reconhecer as personagens da fábula. Na seção “um pouco mais sobre a fábula” são questões para trabalhar a compreensão do texto. “Na ponta da língua” é a seção para pesquisar e conhecer novas fábulas e indica o livro *Minhas fábulas de ESOPPO*. Na seção “Leitura 2” o livro apresenta a fábula *a raposa e as uvas* seguido por questões para “estudo do texto”.

Na unidade 8 intitulada de “Um Outro jeito de contar histórias” vai trabalhar com cordéis e sobre autora cordelista Patativa do Assaré, inicia com a “Leitura 1” Vaca Estrela e Boi Fubá seguindo a seção “Estudo do texto”, e “fique sabendo” onde destaca a biografia da cordelista Patativa do Assaré, já a seção “um pouco mais sobre o cordel” são questões sobre a compreensão, estrutura e grafia de um cordel. Na seção “oficina (1ª parte)” pede para que o aluno crie seu próprio cordel utilizando as palavras sugeridas pelo livro a fim de formar uma rima.

A unidade 9 “Palavra em Palavra” é o capítulo para aprender sobre contos, logo na “Leitura 1” o livro apresenta o conto A menina das desculpas esfarrapadas e o menino apressado em seguida um estudo do texto, na seção só para lembrar apresenta o conto Akira”que é um trecho do livro *Meu nome é Akira*, para que seja respondida questões gramaticais com frases e expressões utilizadas nos textos. “No estudo da língua” apresenta um pequeno trecho do livro *Meu nome é Teca* seguindo de questões de comparações entre os contos, na seção que tal ler? Sugere o livro

Histórias da onça e do macaco. Na seção “Leitura 2” inicialmente apresenta a capa do livro *Amoreco*, onde está o conto que será estudado chamado “chuva”, após as seções estudo do texto, um pouco mais sobre o conto, e “oficina (1ª parte)” pede para que seja reformulado o texto através de outra personagem como narrador.

Quadro 1: Tipologias Textuais

Tipologia Textual dos textos literários	LD 1	LD 2	LD 3
Contos	5	5	8
Poesia	4	5	1
Contos Maravilhosos		2	
Mito	2		
Lenda		3	
Crônica		1	
Fábula			3
Cordel			1
Total Geral de Textos Literários	40		
Total Geral de Textos Não-literários	51		

Fonte: Autora (2017)

2.2 ANÁLISES DOS LIVROS DIDÁTICOS

Analisando atentamente os três exemplares, observou-se que tem muito pouco ou quase nada de opções para trabalhar a literatura dentro de cada livro, apresentam leituras em todas as unidades, porém, estas leituras pouco contribuem para que o aluno possa se interessar mais pela narrativa ou pela personagem, a fim de pesquisar mais leituras e aprofundar seu conhecimento, construindo assim o hábito de ler.

Os três livros analisados *Ligados.com*, *Mundo Amigo* e *Porta Aberta* trabalham com contos, contos maravilhosos, poesias, mitos, fábula, crônica, porém individualmente, esta apresentação é superficial quando se trata de literatura, apesar de que são livros para que seja trabalhada a língua portuguesa, considerando a precariedade do uso da biblioteca, e muitas vezes, os livros literários são escolhidos pelos próprios professores para apresentar ao aluno sem que os mesmos possam escolher livremente. O livro didático deveria trazer novas possibilidades para a literatura, pois ela é a grande responsável pelo aprendizado prazeroso, fazendo com que o aluno instigue a sua criatividade.

Cunha (1998, p. 47) descreve como a leitura é essencial para aprofundar e construir conhecimento de maneira facilitadora e prazerosa.

[..] Sabemos que a leitura é uma forma ativa de lazer. Em vez de propiciar sobretudo repouso e alienação (daí, a massificação), como ocorre em formas passivas de lazer, a leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do receptor-leitor. Seria, pois, muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer- aquelas que tornam o indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo. A literatura teria papel mais relevante nesse aspecto.

Os livros apresentam o texto literário apenas como uma fonte para que sejam ensinadas questões de gramática, sendo que as questões que trazem um aprofundamento da leitura são minorias nos livros, as seções são apenas para ensinar a linguagem, expressões, pontuação, não dão nenhum destaque para a leitura sem obrigação e sim para responder o que foi proposto.

Entre os livros há pouca diversidade de gêneros literários, a prosa aparece em maior quantidade, a poesia dos 40 textos literários apresenta apenas 6, e não há teatro em nenhum dos exemplares. Para formar leitores, é necessário uma abrangente variedade de gêneros literários, possibilitando assim amadurecer seu nível de compreensão e reflexão.

Nos poemas, os livros trazem autores contemporâneos como Tatiana Belinky, Sonia Salerno Forjaz, Ana Maria Poppovic e Sergio Capparelli, sendo que estas poesias são utilizadas como uma leitura na página de apresentação da unidade o que pode passar despercebida pelo professor, sabendo que os textos contidos são apenas para abordar os conteúdos que serão estudados durante o capítulo, também é utilizada como proposta de atividade e apresentados como texto para introduzir os trabalhos gramaticais.

Para Janete Bridon *et al* (2012, p. 5):

O uso dos poemas apenas para funções didáticas trai o verdadeiro sentido da literatura que é levar o leitor ao deleite, deixar o leitor envolver-se com a leitura por função. [...] Usar textos literários para o ensino da linguagem é banalizar o verdadeiro sentido da literatura, e fazê-la descer de sua condição de arte para texto didático.

No entanto, os três exemplares são bem parecidos na maneira como apresenta os textos literários, apenas para inserir o assunto do capítulo e apresentar

exercícios para o ensino da linguagem ou a compreensão da leitura, cuja, maior parte das respostas está explícita no texto.

O terceiro livro analisado “Porta Aberta” apresenta um diferencial entre os demais, pois após apresentar o texto dá uma referência de um livro para ser lido. Também conta com a seção das oficinas que propõem a pesquisa de parlendas, adivinhas entre outras para formar um livro coletivo.

Outro fator negativo, no intuito na formação de leitores, é que muitos textos são fragmentados de livros, ou seja, apenas a parte que será utilizada e de acordo com o que será estudado no capítulo, no entanto para que haja uma sincronia na leitura e, assim, torná-la mais interessante seria necessária a exposição do texto na íntegra.

O professor ao utilizar o livro didático em suas aulas, deverá apresentar mais opções de interpretação das leituras oferecidas pelo livro, não ficando apenas na visão que ele sugere, ou seja, levar o leitor alcançar o objeto artístico em sua leitura por mais superficial que ela se apresenta. Regina Zilberman (2003, p.23) fala sobre o papel do professor que utiliza o livro:

[...] o professor que se utiliza do livro em sala de aula não pode ser igualmente um redutor, transformando o sentido do texto num número limitado de observações tidas como corretas (procedimento que encontra seu limiar nas fichas de leitura, cujas respostas devem ser uniformizadas, a fim de que possam passar pelo crivo do certo e do errado.

Os livros didáticos analisados acima não atuam como prática pedagógica, a fim de, criar e elaborar hipóteses de situações problemas que surgem dentro do contexto social e escolar, pois, não suprime a necessidade de formar leitores e sim apenas para estudar gramática e uso da língua. Apresenta textos literários, porém sem ênfase na leitura para construção e, sim, leitura por obrigação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil no livro didático é algo que foi analisado nesta pesquisa, com o intuito de descobrir se ela está diretamente inserida no livro didático de língua portuguesa, pois a ideia de que a literatura deve se resumir apenas no livro de história encontrado na biblioteca é ultrapassada, levando em consideração que ela ajuda na leitura e na escrita, no qual o livro tem seu maior objetivo, além da gramática, o aluno interagindo mais com o livro estará mais pré-disposto a pesquisar, o que resultará em um maior interesse pela leitura e, conseqüentemente, a ampliação do conhecimento.

Neste sentido, a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir de temas que são abordados por diferentes autores que compartilham do mesmo assunto ou ideia, além das análises realizadas nos livros didáticos de língua portuguesa do 4º ano do ensino fundamental.

No decorrer dos séculos, a literatura enfrentou muitos desafios para se perpetuar como texto literário para crianças, a fim de trazê-la para dentro do contexto escolar e até mesmo familiar, com intuito de gerar conhecimento e informações, fazendo com que a criança veja a leitura como algo bom e assim criando o hábito de ler.

É visto que nos anos 1990, com as diversas reformas educacionais que objetivaram sensibilização dos educadores para uma reformulação nos conteúdos e metodologias, foram criados diversos programas, projetos e distribuição de materiais escolares, foi então criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) seu objetivo foi assegurar a qualidade dos livros. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é executado pelo Governo Nacional, promovido pelo Ministério da Educação (MEC) e gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

No entanto, o livro didático não está sendo utilizado com o intuito de promover a leitura e, sim, para o ensino da gramática. O professor que obtém exclusividade em suas aulas, certamente, não está inserindo a leitura como algo que seja prazeroso para seus alunos, sendo ele o principal responsável em apresentar a literatura, pois, na maioria das vezes, as crianças só têm acesso ao livro ou à leitura na escola, a qual apresenta apenas como algo obrigatório para concluir as questões sugeridas pelo livro.

Abramovich (1994, p16) elucida ser “[...] importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. A literatura contribui no desenvolvimento, estimula a criatividade e a curiosidade, pois os textos possuem a capacidade de fazer com que a criança interaja com as personagens, sendo que, é de grande relevância para o professor buscar inseri-lo em suas práticas pedagógicas, para assim suprir a necessidade que o livro didático deixa a desejar.

Proporcionar o conhecimento para a criança sobre a prosa, da poesia e do teatro é fundamental no desenvolvimento do aprendiz, a fim de, prepará-la para se tornar um adulto leitor. Esta leitura, no entanto deve promover sensações e emoções para que realmente possa interagir e esses gêneros literários são de suma relevância para que isso ocorra.

No entanto, os livros analisados apontaram para uma forma ultrapassada de interpretação da literatura. A ênfase é apenas nas questões em relação ao uso gramatical e à língua portuguesa. Os livros e textos literários fazem com que o aluno os leia por obrigação de responder questões principalmente nas seções que servem para estudo do texto, que são perguntas em que as respostas estão explícitas no texto, ou mecânicas, sendo assim não os leva a utilizar a criatividade e sensibilidade dos textos, apenas uma leitura sem prazer. De modo que se o professor trabalhar apenas com o livro didático a literatura deixará por desejar. Para obter fluência e adquirir hábito de ler, deverá buscar novos métodos para implantar em suas aulas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione. 1994.

BARROS, Paula Rúbia Pelloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. São Paulo. 2013. Disponível em:< <http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/56015.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Recomendações para uma política pública de livros didáticos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

BECKER, Célia Doris. **História da literatura infantil brasileira**. In: SARAIVA, Juracy Assmann (org.). *Literatura e Alfabetização, do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

BRIDON, Janete *et. Al.* **A Formação Estética E Literária Por Meio Do Livro Didático**. 2012. Disponível :< <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/3314/769> >Acesso em: 29 jun 2017, 21:50:20.

CETEB. **Áreas da Educação: tendências atuais da educação**. Brasília, Universidade Gama Filho, 2008e.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Sérgio Fabiano Labruna. **O papel do professor de Língua Portuguesa no Paradigma da Educação Inclusiva**. IDEA Revista, V.2, N1, p.1-35, Dez/ 2010

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teoria e Prática**. 17 ed. São Paulo: Ática, 1998.

FARIA Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FILIPOUSKI, Ana Mariza; KEHRWALD; Isabel Petry. **Educação brasileira depois dos PCN: visão de futuro**. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69395>>. Acesso em: 29 jun 2017, 21:01:20.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

LERNER Delia. **Ler e Escrever na Escola**: o real, o possível e o necessário. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tania Regina de. **O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNL**D. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200006> Acesso em: 20 de jun de 2017, 20:43:20.

SILVA, Ezequiel Teodoro. **Elementos da Pedagogia da Leitura**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.